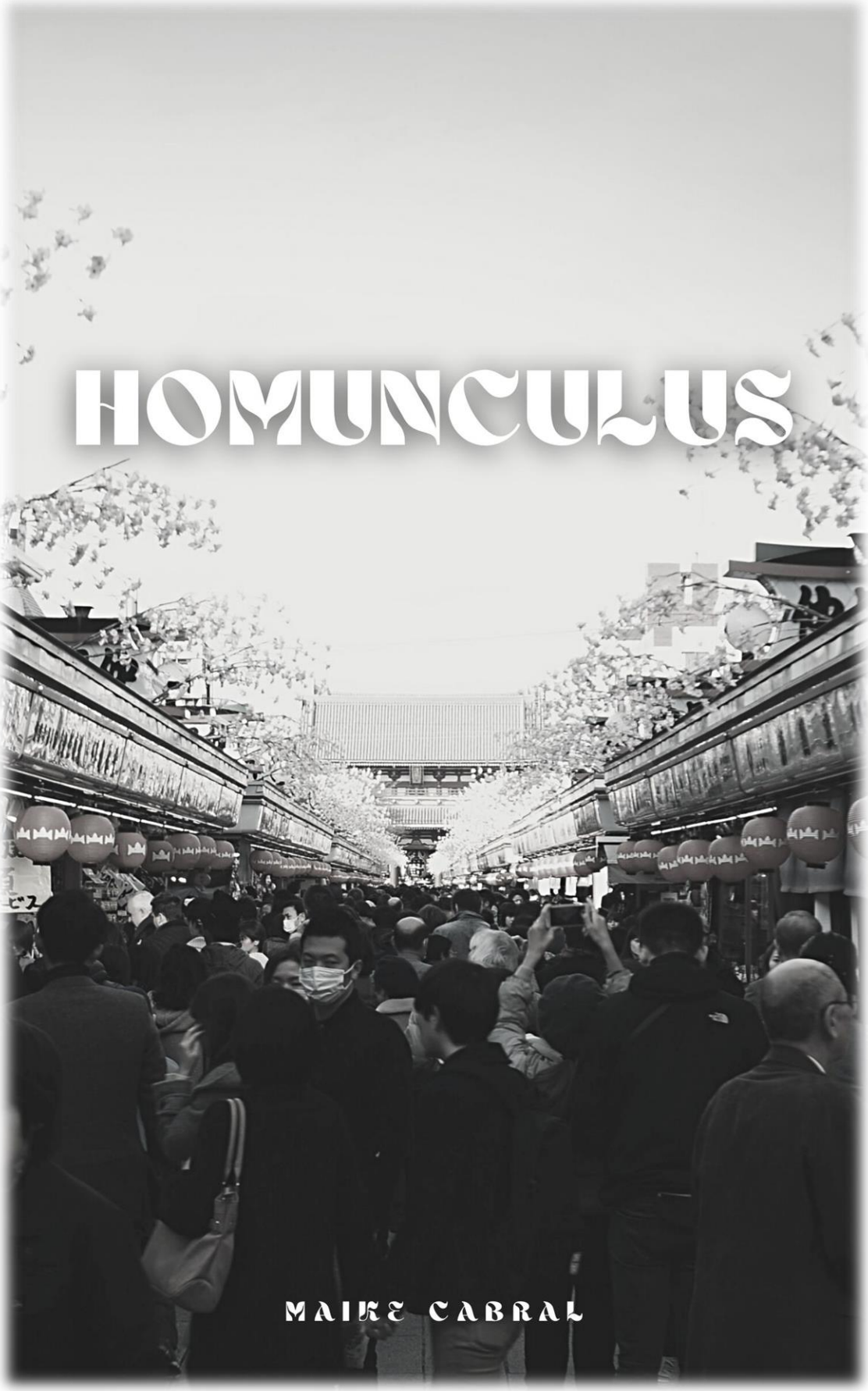
HOMUNCULUS



MAIKE CABRAL

2021

“Há grandes homens que fazem com que todos se sintam pequenos. Mas o verdadeiro grande homem é aquele que faz com que todos se sintam grandes.”

G. K. Chesterton

HOMUNCULUS

†

É na baixeza que o homem se conhece, se reconhece e até desfalece se preciso for. Nela, o homem deve assumir-se e elevar-se perante as favas de sua insignificância, com prudente dignidade. De fato, parece estranho que muitos não saltem definitivamente desta lama da baixeza que pouco a pouco nos cobre, e como um banho de cobre, nos dá um tom de valor. Tal lama viçosa e insossa percorre tranquila nossas veias em cada lampejo desilustre. Em sua circunvolução, perdemos o desejo tênue pela liberdade refulgente em meio à uma espessa penumbra, no auge de uma lassidão desesperante. Acabamos por nos tornar baixos a ponto de odiarmos os grandes que deveríamos amar. Vislumbramos de soslaio os diversos personagens do mundo e suas portentosas instituições como teratológicas divas, enquanto os verdadeiros rebentos de virtude heróica, que chamamos "grandes homens", passam a ser considerados por nós como subversivos e derrotados, quando muito, escandalosos. É o caso dos santos católicos, homens no sentido pleno da palavra, que hoje são tratados como lendas de uma humanidade tola e ingênua. São vistos pelos *homunculus* do dia como pequenos insetos, imagens defuntas e assustadoras, sinônimos de morte e fanatismo antiquado. Pois sim, os *homunculus*, estes deuses de casas de boneca, adoram julgar os grandes homens virtuosos do alto de sua sordidez olímpica.

Na completa escuridão do horizonte contemporâneo brilham os olhos dos mimados *homunculus*, estas criaturinhas assustadas reféns dos sons. Homens de seda com ossos de vidro, carcomidos pelos próprios desejos e desejosos de erigir suas vontades libertinas contra qualquer indício de virtude superior, adquirem o hábito de expressar às avessas a realidade. Esta geração hipocondríaca perdeu a virilidade diamantina e adquiriu uma fragilidade porcelanata conforme o aumento do número de bens consumíveis em suas feiras livres. A vontade de homens desta nata, minguados e embevecidos no conforto, essencialmente é como um pó que venta baixo nos rodapés das mesas modernas compostas de ferro e plástico industrial. Artificiais por natureza, rastejam esquálidos no caminho dos ratos que urinam e grunhem frente a imensidão humana dos grandes santos e homens piedosos! não de sua grandiosa facilidade em aviltar. Procuram a cada instante

roer os ossos dos próprios irmãos conforme sua profunda falta de convicção. Mudam de opinião como mudam roupa, ao soprar da moda! arrotando hálitos insólitos que só hão de afirmar o fragor profano de sua desatinada corrupção.

Estes *homunculus* sedentos por segurança e conforto não aceitam fiança. Se te prendem em suas teias, te assaltam ou te arrancam as vísceras, lhe cobram caro – e sem prestações! pelos instrumentos utilizados e serviços prestados na incursão. Não creem na Verdade – esta é apenas simples validação convencional – nem mesmo no erro – um "estar de fora da roda" -, creem apenas em si mesmos como estátuas gregas sem braços, porém, de máscaras, produzindo impressões sólidas e angustiosas nos corações daqueles que os visitam em seus museológicos aposentos. Desmascará-los, eis nossa maçante, mas gratificante missão.

Nesta alegoria pitoresca, o simples fato de não terem braços - um modo de dizer a obtusidade e inabilidade acerca de sua ideia primitiva em relação à *Verdade* e o erro - nos indica um detalhe burlesco de seu caráter: os *homunculus* modernos simplesmente não agem por razão, mas sim, pela mera conveniência. Mesmo que uma determinada linha de ação não faça o menor sentido de razoabilidade, a adotam, se for conveniente. Isto porque confiam ritmicamente no som da flauta que toca a canção gloriosa dos lemingues que unifica as consciências na mesma frequência estática, no mesmo orbe nauseabundo, na mesma ilusão mentecapta. Democratizando a bestialidade, esta flauta traduz emoções em letras toscas, esperanças em sansões de graus sutis, lúmenes diapasões mumificantes. Esta portentosa flauta amorfa, mas saliente, reproduz no ar elementos hierofânicos que inspiram as moscas sentimentalóides e suas asas políticas a planarem sobre as tundas frescas feitas para nossa contemplação.

Sobre as colinas salivosas deste plásmico rincão, espera a musa dos *homunculus* em sua música tônica, o respeito humano, ode que toca mais na pele que na concha do mar! Não ouvem, sequer escutam!... respiram seu bálsamo amanteigado. Absorvem e coagulam essas notas pútridas nos átrios profundos de seus candeeiros até suas últimas consequências. O respeito humano é a canção de ninar dos *homunculus* embevecidos no mal, no mal estar. Isto indica que vivemos na era do bem, do bem estar, e a raiz da conveniência deste enredo musical que os atrai está no perigoso e sorrateiro respeito humano. Tal deslustre atitude tem como antípoda – e digno remédio - o amor ao próximo, tão empoeirado nos tempos de agora que acaba por nos impor a seguinte questão: como aplicar, remediar e sanar tal achaque em dias como estes que tudo se dissolve no ácido

estomacal do igualitarismo rasteiro? Com certeza, de uma forma que irá soar aos olhos púbicos do público pudico como “afronta”, “intolerância”, “violência”, em suma, na mais completa maquinação de um “fanatismo antiprogressista”. Oh! como as almas de hoje são bisonhas e escurentas...

É triste ter de tratar com os *homunculus*, tão psiquicamente atados a diversos limites linguísticos. Sim, limites linguísticos impostos pelo som da musa - a nova caçadora de lemingues que desbancou o flautista masculino de *Hamelim* - que fazem as mais óbvias verdades travestirem-se em ofensas partidárias.

A musa da ordem, da *nova ordem*, similar a deusa razão dos revolucionários franceses, porém, muito mais poderosa, pouco a pouco aumenta o cerco semântico e espalha seu pólem de respeito humano na atmosfera asfixiante do domo de Adão. Seduz com sua eufonia os pequenos anões supersticiosos que não creem mais em Deus, mas na palavra *Deus*! enquanto repetem a torto e a direito, a todo custo, em toda esquina, palavras divinas por sua língua em torpor: senhor, senhor... Pois bem, o *Senhor* mesmo nos disse em alto e bom som que não podemos servir a Deus e ao dinheiro. Usou o dinheiro como exemplo de uma poderosa força motriz para sinalizar: nada de dois senhores, esqueça. Ou Deus – princípio único, absoluto e imutável – ou o dinheiro – a musa e todas suas quinquilharias, inclusive, o respeito humano.

A musa, aqui para nós, é o espírito daquilo que *Santo Agostinho* denominou “cidade dos homens” em contraposto à “cidade de Deus”. É um espírito no sentido de ser uma mentalidade, um modo possível da alma que se assemelha à uma mulher nua galopando num cavalo – sem sela - roubado da estrebaria dos deuses e que pode tomar variadas facetas dependendo das condições atmosféricas. Se reproduz socialmente e já se consolidou ao longo dos séculos sob a forma de diversos impérios. É uma espécie de praga germinal da história que, quando não é descoberta a tempo, acoberta toda a luz natural acostumando, em sua sensual penumbra, as retinas à chegada de uma noite sem fim. São os *homunculus* os lápis-lazúli desta positivista Babilônia.

Do céu para os pavimentos da civilização mundana, os *homunculus* servem de matéria metamorfa para a revolução final. Geralmente aceitam qualquer imposição irracional e até agradecem pelo sorvete pregado na testa. Lei natural é pieguice passada; tradição, um desgostoso ultimato; perversão, não verter no vazio. A cidade dos homens nunca foi tão expansiva quanto nos últimos séculos. Assim, a musa prepara seu trono nos lombos dos

outeiros e estes remontam os caminhos. As praças públicas agora são luzes em telas de bolso; as ágoras, plataformas de opiniões coloridas; o mundo, este pecado de terno e gravata! Elegantes e tórridos, os *homunculus* colecionam prazeres e se comprazem na diversidade do mercado. Compram e vendem nas interfaces digitais, comem e bebem entre camaradas animais, se habilitam e empilham diplomas. Eles nasceram pra vencer!

Nesta Atlântida de *homunculus* tecnocratas, buscar a santidade é o mais grave atentado ao pudor, uma ofensa aos olhos pudicíssimos desses grandiloquentes homens futuristas. Diante de tão calamitosa inversão, como resgatar os *homunculus* deste complexo de pequenez ensandecida? Torná-los grandes é tão remoto como engolir o sol sem queimar a língua; como surgir uma flor numa ferida; mas ainda assim, o miraculoso atesta aquela esperança jamais vencida: a esperança dos sábios. São eles os responsáveis pela recuperação dos vencidos, somente eles podem conduzir a caravana perdida de volta à senda frondosa da cidade de Deus, do reino da Verdade!

Conhecer a Verdade, ordenar todas as coisas, apontar os erros e julgar os princípios, eis o quadrante encontrado por *Aquino,* um destes grandes sábios que pode transfigurar *homunculus* em vasos virtuosos! Quantos deles se desbarataram dos laços do erro ao serem conduzidos pelo ensinamento de sábios como este! A sabedoria, sim, é o remédio para a *homunculação* assintomática do mundo, pois ela é a maior demonstração de amor ao próximo. Quem ensina a verdade, espalha esse amor. Quem a esconde, trancafia-o no horror.

Pois então, o que seria a verdadeira grandeza humana: a posse de um poder temporal? Da riqueza reluzente? Da beleza encantadora? Da eloquência sedutora? Dos títulos acadêmicos? Da força bruta? Da fama febril? Do reconhecimento público de alguma qualidade particular? Dos aplausos efusivos de uma platéia microcéfala? Do olhar cadente de uma admiração narcoléptica? Jamais! A grandeza humana é a admissão de uma pequenez constitutiva e irrevogável perante a realidade! Esta grandeza, evidentemente, existe em graus diversos segundo uma escala hierárquica e o único igualitarismo existente nela é o fato de estarem, aqueles que assim procedem, ou seja, os *magnus*, despidos das indumentárias ilusórias desta vida. Outrossim, isto não é grandeza aos olhos dos *homunculus* modernos, mas antes, sofreguidão. Não suportam o fato de que seus grandes ídolos jamais serão tão grandes quanto os sábios e santos! Acreditam que a grandeza é se render aos Golias do mundo, aos ricos antropófagos, aos masturbadores

opulentos e suas instituições civis ultrajantemente convencionais. Diria o poeta, a *grandeza de alma se esconde nos calcanhares da baixeza altiva.*

O que realmente ignoram, os facínoras de si mesmos, é que através da percepção de nossa própria baixeza podemos alcançar este santo estado de sinceridade dos grandes homens que, cônscios de sua total irrisoriedade perante a realidade, cresceram virtuosamente na direção do céu abjurando, como condição primordial, suas escamas na poeira da terra. Basta esta noção admissional para começarmos o trajeto gracioso na pequenez engrandecedora e sábia que é a dos virtuosos. Se no mundo há – sempre houve e sempre haverá - estes que como loucos raivosos; bestas amorfas; pomposos damas; crianças iluminadas por mimos medicinais caem nas armadilhas do cão, estará sempre ali por eles algum sal da terra sustentando, em sua confidência amorosa, a própria terra contra a ira justa de um Deus tão bom.

Não devemos nos sentir *grandes* se não percebermos primariamente esta nossa pequenez constitutiva. Sabedores da disparidade irreversível em relação à realidade, nos libertamos como os virtuosos, que a esta sabedoria assentiram por se admitirem tão pequenos. Claramente percebemos que pela declaração sincera de nossa própria baixeza e pequenez em relação à realidade podemos entrar no reto caminho da grandeza humana. Em contraposição ao orgulho seguro dos *homunculus*, este tipo de pequenez - a pequenez dos santos, sábios e pios homens – aparece como via perfeita, alternativa eficaz para a futura realização da bela natureza do homem. O exemplo dos bons é a cura para esta doença anônima que pervadiu o cenário global.

Sereis virtuosos ou *homunculus*? Devemos definitivamente escolher de que lado estaremos. Do lado dos que, por inflarem egóicamente, acabam encolhendo a ponto de verem tudo que há de efêmero se agigantar à sua frente; ou dos que, por admitirem heróicamente sua própria baixeza, se agigantam no amor à Verdade? Este é um dilema que somente os grandes homens virtuosos passam quando percebem os gigantes da terra como realmente são: pulgas ínfimas. Suscitar este dilema já é dar um passo na direção da grandeza. Uma decisão dura, talvez das maiores.